

ENTRECRUZAMENTOS ENTRE VIDA E OBRA EM CAIO FERNANDO

ABREU

Lilian Greice dos Santos Ortiz da Silveira (UFPel)

Aulus Mandagará Martins (UFPel)

RESUMO: Na análise da obra de Caio Fernando Abreu temos a possibilidade de constatar que existem relações que conseguimos estabelecer entre os dados referenciais da vida do escritor e sua ficção. Por conta disso, seus textos foram entendidos por alguns críticos literários como pertencentes ao gênero autobiográfico. As autobiografias foram inicialmente definidas e teorizadas por Philippe Lejeune. Dentre os motivos que levaram a esse entendimento está o fato de que muitos eventos da vida do autor podem ser encontrados em sua obra quando se coloca realidade e ficção lado a lado. Todavia, ao refletirmos sobre a obra do escritor, percebemos que essa definição não dá conta de oferecer um entendimento satisfatório dos entrecruzamentos entre ficção e vida/real. Para exemplificar esses entrelaçamentos iremos analisar o conto “Lixo e Purpurina”, publicado na obra *Ovelhas negras*. Nesse sentido, uma teoria que visa dar conta dessa hibridização é a da autoficção. Serge Doubrovsky cria esse termo para pensar essas relações de uma maneira em que o trabalho com a linguagem literária seja destacado e analisado juntamente com o real. Dessa forma, é admissível entender a autoficção como uma escrita em que fatos reais eventualmente estão presentes na escrita ficcional, mas não se sobrepõem ao trabalho com a linguagem realizado pelo escritor. Essa noção dá margem para constituirmos nexos com os textos de Caio Fernando Abreu, pois compreendemos que o autor deixa alguns fatos de sua vivência atravessarem sua escrita ficcional, sem que isso transforme sua escrita em autobiografia, além de romper com a identidade autor-narrador. Portanto, os objetivos deste trabalho são retomar o conceito de autobiografia para contrapor ao de autoficção e verificar como isso ocorre em um dos textos do autor, intitulado “Lixo e Purpurina”.

Palavras-chave: autoficção; real; ficção; Caio Fernando Abreu.

Introdução

Escrito em 1974, o conto “Lixo e Purpurina” foi publicado na obra *Ovelhas Negras*, de 1995. Essa obra contém textos de Caio Fernando Abreu que foram escritos desde 1962 até 1995. O conto selecionado para a discussão tem como personagem um

homem que deixa o Brasil para morar em Londres em busca de uma mudança em sua vida. No entanto, suas expectativas acabam sendo frustradas por uma realidade que não acolhe o estrangeiro. O personagem, então, acaba se sentindo deslocado naquele país que não é o seu e que não o acolhe. Ao longo da narrativa, vamos tendo acesso a algumas de suas experiências em Londres e o que ele está fazendo para conseguir sobreviver nessa cidade. O dinheiro é pouco e não é suficiente para manter uma boa condição de vida. Por esse motivo, ele tem a necessidade de ocupar casas e ficar se mudando constantemente, além de dividir o mesmo local com inúmeras pessoas.

Os poucos conhecidos iam deixando Londres com o objetivo de tentar melhorar de vida, pois a situação que eles estavam vivenciando era bastante degradante. Com o passar do tempo, o próprio personagem percebe que há a necessidade de deixar aquele local. A solução encontrada, então, é o retorno ao Brasil.

Levando em consideração os acontecimentos que são apresentados ao leitor no conto, podemos analisar o texto de Caio Fernando Abreu a partir do conceito de autoficção, que será explorado mais detalhadamente no decorrer desta discussão. Para o momento, podemos adiantar que a autoficção entende que acontecimentos reais podem atravessar a ficção, sem que se perca de vista o trabalho com a linguagem que o escritor realiza e sem correr o risco de focalizar apenas na apreensão de dados biográficos.

Se formos analisar o que é narrado em “Lixo e Purpurina” a partir do conceito de autoficção, não podemos deixar de mencionar que as vivências do narrador do conto revelam muito da experiência do escritor, que também deixou o Brasil em busca de um futuro promissor na Inglaterra, mas que passou por grandes dificuldades no período em que esteve fora de seu país. Além disso, é possível dizer que até mesmo as cartas escritas no conto são similares as cartas que Caio Fernando Abreu escreveu a seus familiares e amigos durante o período que esteve fora. Sendo assim, existe em entrecruzamento entre realidade e ficção nesse conto. Todavia, não podemos deixar de levar em consideração o fato de o autor está fazendo uma criação literária, ainda que pautada por fatos vividos.

Por fim, é válido apontar que as aproximações que aqui serão feitas entre real e ficcional tem o objetivo de pensar o conceito de autoficção no texto do escritor sem o intuito de apenas verificar quais dados da experiência de Caio Fernando Abreu podem

ser identificados em sua obra, mas de pensar o trabalho com a linguagem que o escritor faz para criar a sua ficção.

Autoficção e contexto social

Por existir a possibilidade de relacionar dados referenciais da vida do escritor com os textos que por ele foram escritos, sua obra foi vista por críticos por um longo tempo como autobiográfica. Nelson Luís Barbosa (2011) discute esse entendimento equivocado dizendo que o tom confessional da obra do autor e a influência de Clarice Lispector foram características que levaram a crítica a classificá-la como autobiográfica.

O conceito de autobiografia surge com Philippe Lejeune que a pensa a partir do pacto autobiográfico, estabelecendo uma relação de identidade entre autor, narrador e personagem acreditando que deva existir também um compromisso com a verdade. A partir desses entendimentos, Lejeune (2014:16) a define como uma “...narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza especialmente sua história individual, em particular a história de sua personalidade.” (LEJEUNE, 2014, p. 16)

No entanto, alguns questionamentos foram feitos em relação à definição inicial de Lejeune sobre autobiografia e até mesmo o próprio pesquisador repensou seus apontamentos iniciais. Conforme as noções relativas à autobiografia eram discutidas, novos conceitos foram surgindo e dentre eles temos o conceito de autoficção, de Serge Doubrovsky.

Em “O pacto autobiográfico”, Lejeune (2014) questionou se poderia existir um romance com o nome próprio de autor quando dizia que a ficção era regida por um pacto romanesco em que o leitor deve entender a história narrada não como verdade, mas sim como ficção. Doubrovsky resolve esse questionamento ao escrever um romance com seu nome próprio e criar o termo de autoficção, definido da seguinte forma: “A autoficção é a ficção que eu, como escritor, decidi apresentar de mim mesmo e por mim mesmo, incorporando, no sentido estrito do termo, a experiência de análise não somente no tema, mas também na produção do texto.” (DOUBROVSKY, 1988, p. 77 apud Kingler, 2012, p. 47)

Se a autoficção envolve não apenas a experiência em análise, mas também a produção do texto, podemos entender a autoficção como uma escrita em que fatos reais

podem estar presentes na escrita ficcional, mas não se sobrepõem a ficção. É essa ideia que tentaremos relacionar com o conto “Lixo e Purpurina”, pois entendemos que o autor deixa alguns fatos de sua vivência atravessarem sua escrita ficcional, sem que isso transforme sua escrita em autobiografia.

Além disso, outro ponto de bastante destaque é que o autor acaba fazendo uma crítica social ao abordar o período em que seu conto foi escrito dentro da narrativa. Ao retratar a questão do exílio, Caio Fernando Abreu mostra as condições sociais que levavam as pessoas a abandonarem o Brasil por conta do momento político pelo qual passávamos. Os valores opressores predominavam em nossa sociedade e isso é retratado pelo escritor durante todo o conto. Quando o narrador decide que vai voltar ao país, descobrimos que ele está completamente amedrontado, como vemos em “Peço à aeromoça algumas revistas. Ela me trás uma *Manchete*. Misses, futebol, parece horrível. Então sinto medo. Por trás do cartão-portal imaginado, sol e palmeiras, há um jeito brasileiro que me aterroriza. O deboche, a grossura, o preconceito.” (ABREU, 2014, p. 220)

Com base na citação, percebemos que apesar do Brasil ser conhecido por alguns elementos que mostram nosso país de uma maneira idealizada, na verdade nem tudo é tão perfeito quanto o que é veiculado pelo senso comum, pois o personagem sabe que o preconceito social e sexual existe. Na verdade, é a própria existência que o apavora, pois sua vida está incompleta e ele não consegue se libertar daquilo que faz com que seus sonhos sejam vistos como gastos e usados. O pensamento do personagem revela sua falta de esperança em relação ao futuro uma vez que seus sonhos foram perdidos e o que ainda está por vir não se mostra como esperançoso. Essa visão de mundo perpassa toda a narrativa e fica bastante clara na seguinte passagem: “...Há montes de lixo pelas escadas e corredores. Fomos expulsos, não vale a pena arrumar mais nada, limpar mais nada. Esse lixo espalhado pela casa são os nossos sonhos usados, gastos, perdidos”. (ABREU, 2014, P. 208)

Essa discussão acerca da forma como o escritor aborda o contexto em sua obra já foi apontada por Porto (2012) em sua análise de “Lixo e Purpurina”, pois a autora entende que o contexto da ditadura militar, que era o período pelo qual o Brasil passava quando Caio Fernando Abreu estava escrevendo seu texto, contribui para a constituição

de um sujeito em crise, como é o personagem principal do conto. E é essa crise que faz com que o sujeito saia de seu país e não tenha intuito de retornar.

O receio em voltar ao Brasil, já retratado na citação que fala sobre os medos que aterrorizam o personagem, também é abordado por Porto (2012), que afirma ser isso consequência do contexto do país na época que tornava possível práticas de discriminação e preconceito. Nesse sentido, Porto (2012) declara:

Como o Brasil se mostra para o protagonista como uma terra que abandona ou rejeita seus filhos... o exílio foi a solução encontrada pelo narrador-personagem para buscar o seu espaço e viver de acordo com seus valores e regras, sentindo-se livre e preparado para alcançar outros “horizontes”. A falta de liberdade, a ameaça e a ausência de perspectivas promissoras acentuam a descrença do personagem não só em relação ao presente, mas também ao futuro num sinal de que a terra natal não tem condições de acolher seus nativos nem de lhes garantir possibilidades concretas de realização plena. Essa perspectiva negativa acerca do Brasil ganha dimensão maior quando se considera o contexto sócio-político dos anos 1970, quando o autoritarismo militar assumia o controle social, silenciava e violentava opositores do sistema, sufocava tentativas de resistência e sobrepunha interesses do Estado às necessidades dos civis, dentre outros traços. (p. 144)

Podemos afirmar, então, que o escritor consegue, em “Lixo e Purpurina”, representar o contexto do período em que o conto foi escrito e pensar como essa época propiciou que tivéssemos um momento de autoritarismo, que tornava admissível uma marginalização social, como aponta Porto (2012). Essa preocupação com o contexto colabora para o entendimento de que a ficção de Caio Fernando Abreu é uma escrita preocupada com a construção literária. Sendo assim, mesmo que seja possível identificar elementos da vida do escritor em seus textos, não podemos perceber sua obra como autobiográfica, pois existe uma preocupação literária. Devemos analisá-la a partir do conceito de autoficção, já apresentado ao longo dessa discussão e que é capaz de dar conta dessas relações estabelecidas entre escrita e experiência. Vejamos esta definição:

A diferença, contudo, entre a escrita autobiográfica e outra autoficcional estaria assim no fato de que, além da condição especial da autobiografia concebida por um ‘pacto de verdade’, o que é completamente descartado pela autoficção, Doubrovsky concebe a autoficção como uma criação essencialmente literária pelo ‘primado do texto’, ainda que pautada por fatos vividos. (BARBOSA, 2008, p.171)

Com base nas considerações de Barbosa (2008), que analisa diversos textos de Caio Fernando Abreu a partir do conceito de autoficção em sua tese de doutorado,

corroboramos as ideias até então apresentadas sobre a necessidade de entender que o texto é mais relevante do que os dados referenciais. Com esses apontamentos em mente, voltemos à narrativa do conto a fim de comprovar que essas relações realmente podem ser estabelecidas. Sobre isso, podemos mencionar o fato de que o escritor realmente teve que se exilar na Europa por conta do momento político em que nosso país vivia e precisou trabalhar nos mesmos empregos que o narrador do conto menciona: modelo vivo, lavador de pratos e faxineiro. Dentre todos os empregos pelos quais passou, o menos desagradável parece ter sido o de modelo vivo, no qual ele se vê como “pouco mais do que um objeto”, mas ao menos menciona que as pessoas são gentis com ele. Caio Fernando Abreu também fala sobre essa atividade em suas cartas ao dizer que “Arrumei um emprego sensacional, como modelo na escola de Belas Artes (com roupa)... Arrumamos uma casa maravilhosa... O aluguel? Nada. A casa estava abandonada.” (ABREU, 2014, p. 325)

Nessa citação podemos perceber outro detalhe interessante: assim como o personagem do conto, Caio Fernando Abreu também viveu como estrangeiro em Londres e por vezes não tinha condições nem ao menos de pagar seu aluguel, tendo que procurar casas abandonadas para poder morar. Logo, há muitos fatos que aparecem no conto que se aproximam com a vida do escritor: a tentativa de melhorar de vida, a mudança constante de moradia, os empregos, os amigos que ele encontra em Londres e até mesmo alguns detalhes coincidem, por exemplo, o fato de o escritor ter decidido roubar livros. No conto lemos: “Hermes e eu fomos presos roubando uma biografia recém lançada de Virginia Woolf...Trinta libras de multa para cada um. Merda, todo o dinheiro que eu pretendia levar para o Brasil” (ABREU, 2014, p. 216). E nas cartas lemos: “...encontrei com Homero e Fê para roubar umas coisinhas... Aí fiquei alucinado por uma biografia da Virginia Woolf... Resultado: 30 libras de multa...Vou chegar ao Brasil sem dinheiro nem pro táxi.” (ABREU, 2014, p.334).

Sendo assim, as dificuldades por ele enfrentadas que ele conta aos pais e amigos por meio de cartas também se assemelham as que são apresentados em “Lixo e Purpurina”. Dessa forma, é possível afirmar que alguns eventos narrados possuem articulação com a vida de Caio Fernando Abreu e até mesmo o escritor revela isso em entrevistas que concedeu, pois ele afirma ter evitado publicar esse conto justamente por ser quase um diário e revelar muito de sua vida, uma vez que praticamente todos os

acontecimentos têm como ponto partida fatos reais. Nesse sentido, é interessante destacar que o conto tem a seguinte anotação antes do início da história narrada:

De vários fragmentos escritos em Londres em 1974 nasceu este diário, em parte verdadeiro, em parte ficção. Hesitei muito em publicá-lo – não parece ‘pronto’, há dentro dele várias linhas que se cruzam sem continuidade, como se fosse feito de bolhas. De qualquer forma, talvez consiga documentar aquele tempo com alguma intensidade, e isso quem sabe pode ser uma espécie de qualidade. (ABREU, 2014, p.197)

Essa citação nos remete a algumas considerações já feitas aqui, pois é inegável que o escritor consegue retratar o contexto da época e mostrar como o Brasil acabou sendo afetado pelo período de autoritarismo pelo qual passamos. Ginzburg (2005) aponta essa preocupação com o contexto por parte do escritor e afirma que:

Uma mediação entre ficção e história...é a imagem de um sujeito que não tem condições de constituir a si mesmo...a vida se apresenta como danificada e os personagens não conseguem elaborar caminhos satisfatórios de libertação...A imagem do Brasil apontada é de um país em que as relações sociais são construídas de maneira desumanizadora, os valores opressores sufocam as energias de resistência... (p. 39)

Essa definição de Ginzburg (2005) revela que a vida é apresentada como danificada e que os personagens não encontrem saída nos novos caminhos que percorrem, pois o abandono do Brasil tinha como objetivo uma vida melhor em Londres, o que como já vimos não se concretiza. Por fim, é possível afirmar que existem relações que podem ser estabelecidas entre escrita e experiência em “Lixo e Purpurina” e, por conta disso, o conto pode ser lido como autoficção já que o escritor faz de seu texto não apenas reflexo de sua vivência, mas consegue fazer uma construção literária. Além disso, o real aparece imbricado de tal forma com o ficcional que é impossível separar o que seria realidade e o que seria ficção, pois os limites entre público e privado aparecem de maneira fluida.

Considerações finais

Sendo assim, Caio Fernando Abreu se preocupa em refletir sobre o contexto em que seu texto foi escrito. Quando discute os motivos que levaram o personagem de seu conto a deixar o Brasil, o escritor aponta para uma série de questionamentos acerca da realidade brasileira no período ditatorial.

Além disso, a mistura entre real e ficcional, que define o que entendemos por autoficção, está bastante presente nesse conto, uma vez que podemos relacionar os fatos narrados na obra do autor com fatos de sua existência. Barbosa (2008) afirma que essa mistura é feita de uma forma tão perfeita que nos deixa sem saber onde estão os limites entre o real e o ficcional, pois nos diz que:

A mistura entre ficção e realidade é tão eficiente no texto que, em razão da constituição do conto como diário, dificilmente se consegue distinguir o que de fato pode ser ficção e o que de fato pode ser realidade. Trata-se, na verdade, em sua maioria, de situações realmente vividas por Caio, como o fato de inúmeras vezes o narrador se queixar do trabalho de ‘modelo vivo’ pelas longas horas de exposição sempre na mesma posição. A informação de que ele trabalhara, entre outras tarefas, como modelo vivo na escola de belas-artes é sabida por todos os leitores de Caio, amplamente divulgada em suas cartas. A ficção, porém, engendra-se com tal força na realidade que parece inútil tentar discernir o que se compõe como pura ficção e o que se compõe como pura realidade. (BARBOSA, 2008: 271)

Na verdade é esse o papel da autoficção: apagar os limites que estabelecemos entre realidade e ficção. Dessa maneira, não devem aparecer barreiras entre real e ficcional em uma autoficção. Esse hibridismo está presente na obra de Caio Fernando Abreu, pois não temos como garantir quais fatos que estão sendo narrados são verdadeiros e quais são ficcionais, até mesmo porque não é isso o que realmente importa e sim o texto a que o leitor tem acesso. Sendo assim, podemos estabelecer relações entre o que o personagem de “Lixo e Purpurina” vivencia e a vida do escritor. Quando colocamos em relação o texto e as cartas que foram enviados no período em que o conto estava sendo escrito, esses entrelaçamentos ficam ainda mais visíveis e nos ajudam a pensar o conto do autor como autoficcional.

Por fim, ao discutir sobre o contexto social em sua obra e apontar os impactos que a ditadura militar deixou em nosso país, Caio Fernando Abreu aponta para as relações que podem ser feitas entre literatura e sociedade, pois como sabemos não podemos separar o social do literário e ler a literatura totalmente fora de seu contexto de produção. Nesse sentido, essa preocupação em abordar o contexto acaba evidenciando que existe uma tentativa do escritor em construir a sua literatura crítica. Portanto, o real de mescla com sua criação literária. Podemos concluir que as aproximações que podem ser feitas entre real e ficcional em “Lixo e Purpurina” contribuem para que entendamos esse conto como autoficcional.

Referências:

ABREU, Caio Fernando. **Caio Fernando Abreu: o essencial da década de 1970**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

BARBOSA, Nelson Luís. **Infinitamente pessoal: a autoficção de Caio Fernando Abreu, o biógrafo da emoção**. 2008. 401 f. Tese (Doutorado em Letras) - Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

_____. **Imagem e memória na autoficção de Caio Fernando Abreu**. Estudos Avançados, v. 25, n. 71, Jan./Abril. 2011.

GINZBURG, Jaime. **Exílio, memória e história: notas sobre “Lixo e purpurina” e “Os sobreviventes”, de Caio Fernando Abreu**. *Literatura e sociedade*, São Paulo, n. 8, p. 36-45, 2005.

KINGLER, Diana. **Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

LEJEUNE, Philippe. **Autoficções & Cia**. In: NORONHA, Jovita Maria Gerheim (org.). *Ensaaios sobre autoficção*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014.

_____. **O pacto autobiográfico**. In: NORONHA, Jovita Maria Gerheim (org.). *O pacto autobiográfico – de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014.

_____. **O pacto autobiográfico (bis)**. In: NORONHA, Jovita Maria Gerheim (org.). *O pacto autobiográfico – de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014.

_____. **O pacto autobiográfico, 25 anos depois**. In: NORONHA, Jovita Maria Gerheim (org.). *O pacto autobiográfico – de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014.

PORTO, Luana Teixeira. **Marginalidade e exclusão social: uma leitura do conto “Lixo e Purpurina”**. *Revista Literatura em Debate*, v. 6, n. 10, p. 139-150, ago. 2012.